

08-09-2020

Ciranda para Lia

Consuello Del Pratto Dias Leite

[Assistente social. Musicoterapeuta]

As restrições impostas pela pandemia e a incerteza sobre o retorno às atividades escolares não impedem minha atividade de supervisora. Mesmo com as escolas rurais fechadas, o contato com os professores e professoras não pode ser interrompido. O mesmo ocorre com as crianças.

Elas não podem ficar ao deus-dará, sem um plano de acompanhamento. Com a escola, a ligação do mundo infantil e suas abstrações e fantasias com o mundo das coisas concretas é nítida. Sem a escola, é mais difícil penetrar no seu mundo, observar o voo de sua fala, obter indícios de suas dores e prazeres para poder estabelecer a empatia que lhe dará subsídios para caminhar a vida. Contudo, esse plano de acompanhamento durante os meses de pandemia não existe. Os governos federal, estaduais e municipais, em matéria de planejamento escolar na pandemia, estão como estão as crianças - ao deus-dará -. E assim, ficamos todos nós profissionais de educação. *Like a rolling stone*. É assim que me sinto e é assim que traço meu plano de pedra rolando, já que voltei às minhas atividades presenciais. É um plano totalmente artesanal, como aliás tem sido mesmo em tempos não pandêmicos. Trabalhar com crianças é sempre um artesanato feito com mãos infantis - as nossas e as delas -.

Com as professoras (por aqui, a grande maioria é de mulheres) venho me comunicando pelas redes. Falamos de nossas angústias, sobre o retorno, o tal novo normal, rimos bastante e, na ausência de um plano, fazemos muitos planos.

Mas a ausência das crianças nas escolas me impulsiona a buscá-las. E, não sei porque, me lembrei de Lia.

Uma caboclinha pernambucana de pele bem morena, carinha de índia e olhos azuis. Dizem que os olhos azuis de muitos nordestinos é fruto das invasões (bárbaras) dos holandeses.

Lá no Ceará e aqui em Pernambuco é relativamente comum em algumas regiões. Quando vi Lia, em Igarassu, há cerca de um ano, ela tinha 10 anos. Já deve estar com 11, se não, quem sabe eu chegue a tempo de lhe dar os parabéns.

Fui para Igarassu. Gosto de ver Lia cantar, dançar e liderar a criançada com sua alegria e desenvoltura contagiante.

A área rural de Igarassu é cheia de sítios, alguns de veraneio do povo de Recife, mas muitos, de menor tamanho, onde moram várias famílias de gente pobre. Alguns camponeses, mas a maioria, atualmente, de trabalhadores de serviços na sede (centro comercial) do município. Lia mora num sítio com muitas crianças. Todas, de várias idades, estudam na mesma escola (que está fechada). Quando cheguei no sítio, continuei sem máscara para que me reconhecessem.

Após o reconhecimento coloquei a máscara. É que eu gosto de ouvir aquela frase mágica: *“Olha, é a Tia Consuello!”*

Lia me beijou de longe. Perguntei por seu aniversário, ela tinha feito 11 anos em maio (cheguei atrasada).

Conversei um pouco com sua família e a criançada em volta.

Confesso que eu esperava a senha de Lia. Não deu outra: *“Tia Consuello, vamos cantar?”* No caminho para Igarassu eu tinha preparado meu enredo. Falei: *Hoje vamos cantar e dançar uma ciranda, mas antes vou contar uma história*. Sentamos entre duas pitangueiras. Éramos 11 crianças e 4 adultos. Comecei.

Existe aqui bem pertinho de vocês, lá pro lado do mar, a Ilha de Itamaracá. Logo Lia falou: *“Ih! Tia, eu já fui lá com o tio Pedro.”* Ah! Então você já sabe a história que eu vou contar. Ela disse que não sabia, continuei.

Em Itamaracá, vive uma negra muito linda e muito grande. Ela nasceu há muitos anos, tem quase 80 anos e ainda é bem viva.

Ela é quase do tamanho dessa pitangueira. Tem um metro e oitenta. Lia falou: *“Puxa, um metro e oitenta? O tio Pedro tinha um metro e cinquenta!”* Antes de continuar, não me contive e perguntei se o tio Pedro havia morrido. Lia fez uma carinha de choro, deu uma travadinha e disse que ele tinha morrido do vírus. Segurei minha barra e segui... *Pois essa mulher maravilhosa quando era criança adorava brincar de ciranda.*

Ela cantava e cantava e puxava as pessoas pra ciranda. Ficava horas na beira do mar cantando e cirandando. Um dia, quando ela já era grande, apareceu na ciranda uma moça, chamada Teca Calazans, que foi criada no Recife, tocava violão, gostava de música e do folclore pernambucano. Lia me interrompeu, perguntando o que era folclore. Fiquei embaraçada, pois eu não queria usar uma linguagem que os eruditos adoram: epistemológica. Eu disse que era o conjunto de todas as coisas que as crianças aprendiam com seus avós, seus pais e que livro nenhum ensinava a fazer: as canções, as brincadeiras, as artes, as maneiras de cuidar dos vivos e até dos mortos, como era o caso do tio Pedro. Notei que ela havia entendido e emendei ... são as tradições de um povo. Continuei falando que a moça da cidade, a Teca, ajudou a mulher grandona a ficar conhecida.

E ela virou uma famosa cantora de cirandas. Aí parei e perguntei: quem sabe o nome dessa mulher cantadora e cirandeira maravilhosa? Fez-se um silêncio.

Ao meu lado esquerdo tinha um menino dos seus sete anos que eu ainda não conhecia. Ele levantou o dedinho e disse: *“Tia, eu sei. É LIA.”* Levei um susto. Sinceramente não achava que alguém ali iria adivinhar o nome. Imediatamente olhei para Lia e vi seus ‘zoião arregalado olhando pro menino e pra mim ao mesmo tempo. Levantei com cuidado o bracinho do menino e falei: *Muito bem!! Você acertou!!! O nome dela é LIA de Itamaracá*. Perguntei seu nome e como é que ele sabia do nome daquela mulher misteriosa e distante. João Miguel disse que sabia porque lá no sítio tinha a Lia de Igarassu. E que ele gostava de brincar e cantar com ela. Cumpri a promessa.

Fizemos a roda e cantamos uma [ciranda da Lia de Itamaracá](#)



<https://bemblogado.com.br/site/wp-content/uploads/2019/10/Lia-de-Itamaraca.jpg>

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.